

ESTUDO ETNOBOTÂNICO DE CIPÓS COMERCIALIZADOS COMO MEDICINAIS POR RAIZEIROS DE CUIABA, MATO GROSSO, BRASIL

Alex Sandro Henrique de Jesus Freitas¹
Annelise Borges da Silva¹
Ariane da Rosa Benedetti Hidalgo¹
Jennifer Rafaela Esteves de Sousa¹
Larissa Franceschini Macedo¹
Maria Corette Pasa²

Resumo: A utilização de plantas medicinais é uma prática comum entre as populações do mundo. O presente estudo conduziu o levantamento botânico das espécies de cipós comercializadas como medicinais por raizeiros da região cuiabana. Foram identificados 14 raizeiros, a faixa etária variou entre 25 e 71 anos. Foram citadas pelos raizeiros 21 etnoespécies para diferentes fins medicinais. As espécies identificadas correspondem a 14 famílias botânicas diferentes, sendo que as de maior representatividade, com maior número de espécies citadas pelos entrevistados foram: Cucurbitaceae, Bignoniaceae, Asteraceae e Rubiaceae. A espécie medicinal mais citada pelos raizeiros foi *Aristolochia cymbifera* Mart. & Zucc (cipó mil-homem), seguida de seguida de *Cayaponia tayuya* (Vell.) Cogn. (taiuiá) e *Cissus sicyoides* (L.) (insulina vegetal).

Palavras-chave: Plantas medicinais, lianas, raizeiros.

Abstract: (Ethnobotanical Study of vines sold as for medical healers Cuiabá, Mato Grosso, Brazil). The use of medicinal plants is a common practice among the world's populations. This study led the botanical survey of vine species marketed as a medicinal herb doctors of cuiabana region. 14 healers were identified, the age ranged between 25 and 71 years. Were cited by the healers 21 ethnospecies for different medicinal purposes. Species identified correspond to 14 different botanical families, and the most representative, with the largest number of species cited by respondents were: Cucurbitaceae, Bignoniaceae, Asteraceae and Rubiaceae. The medicinal species most cited by the healers was *cymbifera* *Aristolochia* Mart. & Zucc (vine thousand-man), followed by followed by *Cayaponia tayuya* (Vell.) Cogn. (taiuiá) and *Cissus sicyoides* (L.) (plant insulin).

Key words: Medicinal plants, lianas, healers

FLOVET, n. 5, dezembro 2013

¹Acadêmicos do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. UFMT.

²Profª. Drª. Departamento de Botânica e Ecologia. Instituto de Biociência/IB. UFMT. Flora, Vegetação e Etnobotânica.

INTRODUÇÃO

A utilização de plantas medicinais é uma prática comum entre as populações do mundo. Segundo a OMS 80% da população mundial utilizam as planta como medicinas para o tratamento de determinadas enfermidades (OMS, UICN & WWF, 1993). Segundo Simões *et al.* (1988), todos os grupos culturais fazem uso de plantas como recurso terapêutico e, em centros urbanos, plantas são utilizadas como forma alternativa ou complementar à medicina oficial. De acordo com Amorozo (1996), a etnobotânica é o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer grupo social a respeito da utilização de plantas, englobando tanto a maneira como o grupo social classifica as plantas, como os usos que dá a elas (medicina, ornamental, místico, alimentação). O conhecimento tradicional etnobotânico pode servir para propiciar novos usos de plantas conhecidas, usos para plantas até então não utilizadas e novas fontes de fórmulas conhecidas e necessárias (POSEY, 1992). Para Patzlaff & Peixoto (2009), no contexto da investigação etnobotânica, o pesquisador procura conhecer a cultura e o dia-a-dia da comunidade pesquisada, os conceitos locais de doença/saúde, o modo como a comunidade se vale dos recursos naturais para a 'cura' de seus males, atrair ou afastar animais, construir habitações mais adequadas ao local e outros. Ele procura repassar o conhecimento apreendido para o meio científico sem incorrer em erros de interpretação. É recomendado que a sua relação com a comunidade não entre no campo do envolvimento pessoal. As trepadeiras herbáceas e lenhosas, as últimas também conhecidas como lianas e cipós, sobem utilizando outras plantas como apoio. Esta característica de não ter apoio próprio permite que o caule das trepadeiras sejam estreitos, flexíveis e capazes de fenomenais taxas de crescimento em altura e comprimento. Há muito as trepadeiras atraem naturalistas e contadores de histórias, contudo, a despeito das contribuições de Darwin (1867) e de outros biólogos do século XIX ao seu estudo, apenas recentemente os ecologistas voltaram a atenção a este importante grupo de plantas. Embora ainda haja muito a aprender sobre este grupo de plantas, o qual foi deixado de lado durante muito tempo, a diversidade e a importância ecológica das trepadeiras agora são amplamente reconhecidas, graças aos esforços de pesquisadores em todo o mundo (Lutz, 2011). O presente estudo conduziu o levantamento botânico das espécies de cipós comercializadas como medicinais por raizeiros da região cuiabana.

FLOVET, n. 5, dezembro 2013

MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizado um levantamento etnobotânico sobre os cipós utilizados como medicinais por raizeiros da cidade de Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. O levantamento dos dados ocorreu durante o mês de outubro e novembro de 2013, nos bairros Porto, Parque Cuiabá e Centro. Os dados foram obtidos através de entrevistas, conforme (Quadro 1), aplicados à 14 raizeiros que comercializam espécies medicinais em Cuiabá, com interesse e foco em modo de preparo, parte utilizada e usos mencionados. Posteriormente procedeu-se à catalogação de informações referentes às espécies através de levantamento bibliográfico e de acervo do Herbário da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), para a identificação das plantas.

Questões das entrevistas com os raizeiros
<p>1. Dados pessoais do entrevistado:</p> <p>Nome do entrevistado?</p> <p>Sexo: () F () M</p> <p>Idade?</p> <p>Naturalidade?</p> <p>Profissão?</p> <p>Estado civil?</p> <p>2. Dados sócio-econômicos:</p> <p>Escolaridade?</p> <p>Habitação: () Área urbana () Área rural</p> <p>Tipo de comércio: () Ponto Comercial () Banca () Outro</p> <p>3. Conhecimentos sobre plantas medicinais:</p> <p>3.1 Nome popular:</p> <p>Tipo de preparação?</p> <p>Parte utilizada?</p> <p>Estado de uso: () seca () verde</p> <p>Nº de vezes ao dia?</p> <p>Via de administração: () Tópico () Oral () Inalação</p> <p>Bioma: () Cerrado () Amazônia () Pantanal</p> <p>Acha importante repassar o conhecimento para as futuras gerações: () Sim () Não</p>

Quadro 1- Roteiro das entrevistas sobre os cipós utilizados como medicinais, com raizeiros na cidade de Cuiabá-MT.

FLOVET, n. 5, dezembro 2013

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificados 14 raizeiros, a faixa etária variou entre 25 e 71 anos. Houve uma maior predominância do sexo masculino nesta atividade comercial. Os informantes com faixa etária entre 50 a 70 anos, foram responsáveis por 62% das citações, aqueles entre 30 e 40 anos foram responsáveis por 33% e os jovens entre 20 e 30 anos foi a faixa etária menos expressiva com 5% das citações. A escolaridade variou entre os que não terminaram o ensino fundamental, os analfabetos e outros, que incluem informantes que completaram o ensino básico e o ensino médio. (Figura 1).

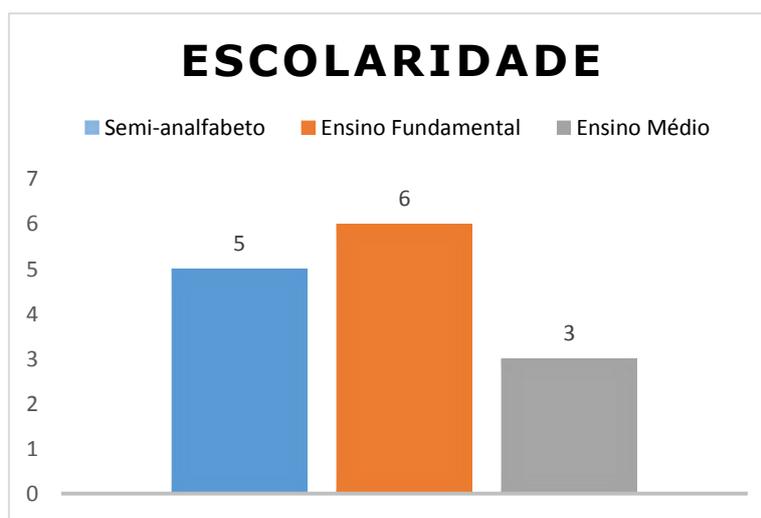


Figura 1: Escolaridade dos raizeiros de Cuiabá, MT.

No comparativo entre as plantas citadas e idade dos entrevistados percebeu-se que os indivíduos entre 50 a 70 anos possuem um maior conhecimento a respeito de plantas medicinais, seguidos por informantes entre 40 a 50 anos e por últimos os mais jovens. O resultado é comprovado por HANAZAKI et al. (2000) que afirma que os mais idosos possuem um conhecimento maior de plantas, devido ao saber acumulado ao longo de suas vidas. De acordo com TULLER (2011), nota-se que os mais jovens apresentam menor conhecimento sobre as plantas para fins medicinais, o que pode ser um reflexo da desvalorização do saber dos mais idosos ou apenas uma indicação de que este conjunto de informações sobre as plantas medicinais são adquiridos e consolidados com o passar dos anos. Quanto ao grau de escolaridade, quanto menor mais intenso o uso de espécies medicinais, pois a falta de informação pode restringir o uso de outros tipos de tratamentos na cura das doenças.

FLOVET, n. 5, dezembro 2013

Foram citadas pelos raizeiros 21 etnoespécies para diferentes fins medicinais (Tabela 1).

Tabela 1: Espécies citadas como medicinais por raizeiros de Cuiabá.

FAMÍLIA BOTÂNICA/NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR
ARACEAE <i>Philodendron imbe</i> Schott.	Imbé
ARISTOLOCHIACEAE <i>Aristolochia cymbifera</i> Mart. & Zucc.	Cipó mil-homens.
ASTERACEAE <i>Mikania glomerata</i> Spreng. <i>Mikania hirsutissima</i> DC.	Guaco. Cipó-cabeludo.
BIGNONIACEAE <i>Mansoa alliacea</i> (Lam.) A. Gentry. <i>Pyrostegia venusta</i> (Ker) MIERS <i>Tynnanthus fasciculatus</i> MIERS	Cipó-d'alho Flor-de-são-joão. Cipó cravo.
CONVOLVULACEAE <i>Cuscuta racemosa</i> Mart. et Humb.	Cipó-de-chumbo.
CUCURBITACEAE <i>Apodanthera smilacifolia</i> Cogn. <i>Cayaponia tayuya</i> (Vell.) Cogn. <i>Momordica charantia</i> (L.) <i>Sechium edule</i> SW.	Catingueira. Taiuiá. Melão-de-são-Caetano. Chuchu.
DILLENIACEAE <i>Davilla rugosa</i> Poir.	Cipó caboclo
FABACEAE <i>Bauhinia glabra</i> Jacq.	Cipó-tripa-de-galinha
MALPIGHIACEAE <i>Banisteria argylophylla</i> A. Juss.	Cipó-prata
MENISPERMACEAE <i>Abuta grandifolia</i> (Mart.) Sandwith	Abuta
RUBIACEAE <i>Chiococca alba</i> (L.) Hitchc <i>Uncaria tomentosa</i> (Willd. ex Roem. & Schult) DC.	Cainca Unha de gato
SMILACACEAE <i>Smilax aspera</i> (L.)	Salsaparrilha
VIOLACEAE <i>Anchietea salutare</i> A. St. Hill.	Cipó-suma
VITACEAE <i>Cissus sicyoides</i> (L.)	Insulina vegetal

FLOVET, n. 5, dezembro 2013

As espécies identificadas correspondem a 14 famílias botânicas diferentes, sendo que as de maior representatividade, com maior número de espécies citadas pelos entrevistados foram: Cucurbitaceae, Bignoniaceae, Asteraceae e Rubiaceae (Figura 2).

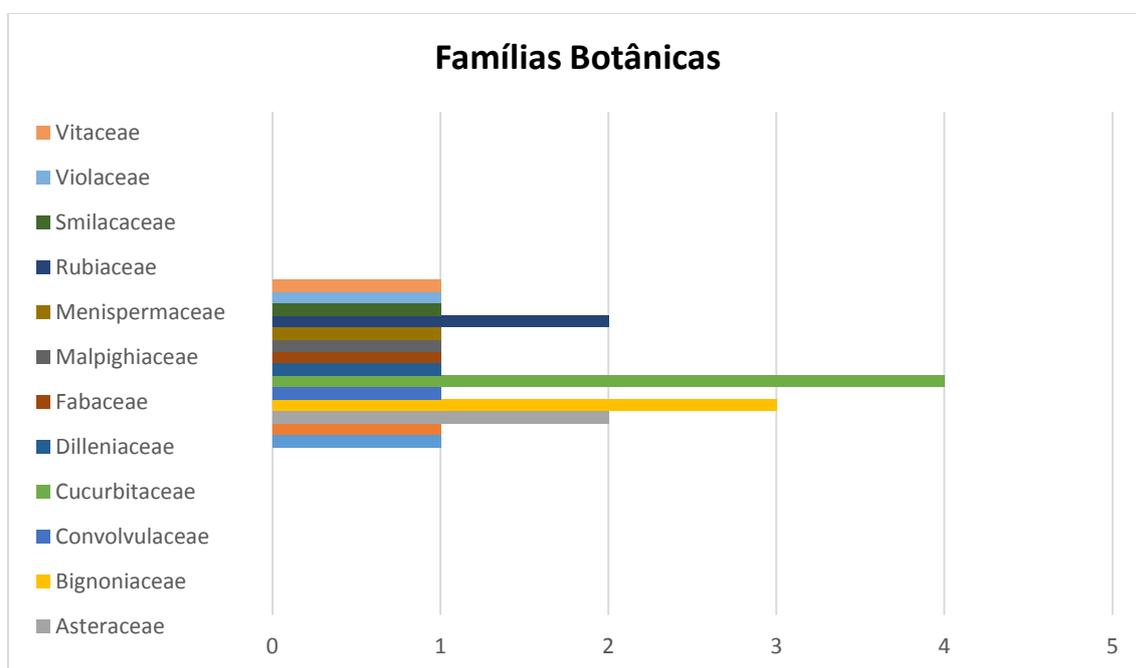


Figura 2: Famílias das espécies de cipós citadas.

De acordo com Lutz (2011), as famílias de plantas florescentes particularmente ricas em espécies trepadeiras incluem Bignoniaceae, Vitaceae, Leguminosae, Menispermaceae e Hippocrateaceae. A família Cucurbitaceae possui distribuição tropical e subtropical, incluindo cerca de 120 gêneros e 850 espécies. No Brasil, ocorrem cerca de 25 gêneros e 150 espécies. Esta família é composta por ervas rastejantes ou mais comumente trepadeiras, o que explica uma maior representatividade neste trabalho, raramente arbustos e subarbustos. Geralmente com gavinhas originadas da modificação de ramos. O mesmo ocorre com a família Bignoniaceae, que possui distribuição pantropical e inclui cerca de 120 gêneros e 800 espécies. No Brasil ocorrem cerca de 30 gêneros e 400 espécies, cujos hábitos vão de árvores à lianas, geralmente com gavinhas (Souza & Lorenzi, 2012).

A espécie medicinal mais citada pelos raizeiros foi a *Aristolochia cymbifera* Mart. & Zucc (cipó mil-homem), seguida de *Cayaponia tayuya* (Vell.) Cogn. (taiuiá) e *Cissus sicyoides* (L.) (insulina vegetal) como mostrado na figura 3.



Figura 3: Espécies medicinais mais citadas no levantamento de Cuiabá.

A parte vegetal mais citada foi a casca (52%), seguida de folha (22%) e raiz (15%) como mostrado na figura 4. Alguns autores apontam que determinados produtos extraídos das florestas por comunidades locais são utilizados para várias categorias de uso, e a medicinal apresenta-se como uma das mais expressivas, tendo as cascas do caule como a parte preferencial a ser explorada na caatinga e no cerrado (CARVALHO, 2009; FERREIRA JUNIOR et al., 2012; FEITOSA, 2012).

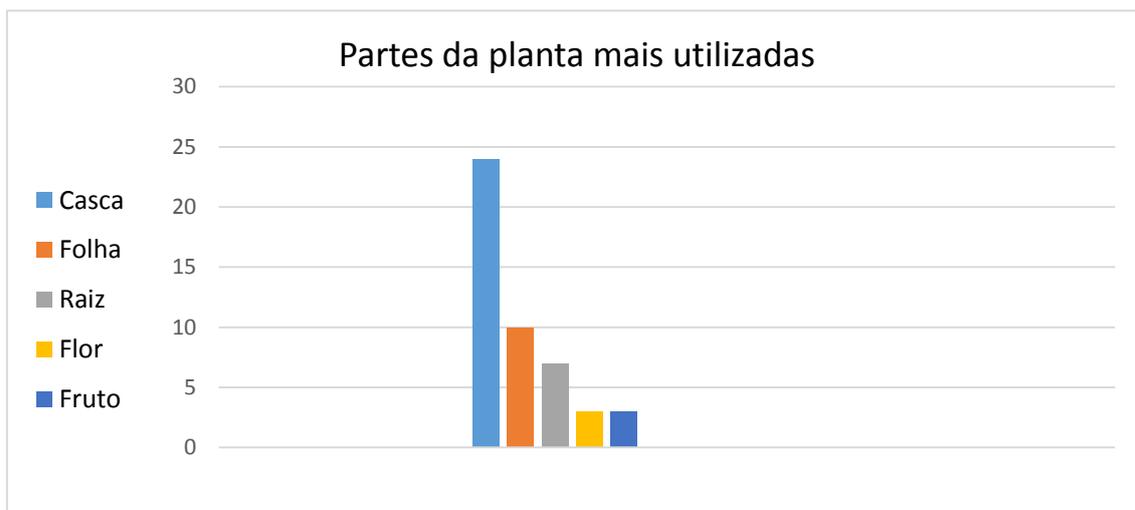


Figura 4: Partes vegetais mais utilizadas pelos raizeiros de Cuiabá.

Sobre a ótica da conservação, a coleta de casca pode ocasionar a morte do indivíduo ou, dependendo da quantidade retirada e da capacidade de suportar a agressão, a regeneração da estrutura vegetativa removida pode ocorrer. Vários fatores determinam que tipo de impacto a coleta de casca poderá ocasionar no indivíduo. O primeiro a ser mencionado é a natureza da coleta, que se configura na forma como esse recurso é coletado pelo extrator, em seguida, pode-se citar a intensidade em que a coleta é realizada nos indivíduos, sendo representada pela quantidade de casca que é retirada e por último o impacto também pode ser influenciado pelos padrões de coleta e tamanho dos indivíduos (FEITOSA, 2012 *apud* PETERS, 1994).

Quanto à forma de preparo, apenas três foram citadas e na maioria das vezes citadas por um mesmo raizeiro para a mesma planta, sendo o chá a forma mais utilizada no preparo dos medicamentos, seguida de garrafada e infusão (Figura 5). De acordo com TULLER (2011), o chá é um preparado obtido da fervura da planta ou partes da planta. A garrafada é um preparado de ervas embebidas em uma garrafa de aguardente e a infusão é obtido colocando-se a planta ou partes dela numa vasilha e adicionando água fervendo por cima. Segundo Merzouki (2000), a maior predominância de infusão e chá ocorre por serem mais rápidas para o preparo, baratas e de acesso mais fácil.

FLOVET, n. 5, dezembro 2013

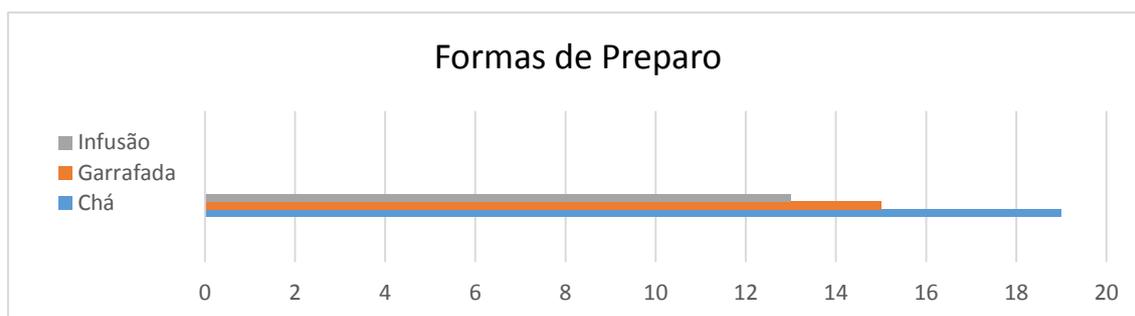


Figura 5: Formas de preparo mais utilizadas pelos raizeiros.

O uso de chá é uma técnica indicada para preparos feitos com cascas, caules, raízes e sementes, enquanto a infusão é indicada para partes vegetais mais delicadas, como folhas, flores, caules finos e plantas mais aromáticas (MATOS, 2000). Uma mesma planta foi citada para vários usos, como o cipó cravo que é indicado tanto para problemas gastrointestinais, como para impotência (Tabela 2).

Tabela 2: Principais indicações das plantas citadas pelos raizeiros de Cuiabá.

NOME POPULAR	USOS
Cainca	Diurética, laxativa e antiasmática.
Catingueira	Anti-inflamatório, antiofídico, depurativo, laxante, energético.
Abuta	Analgésico, antibacteriano, expectorante, anticonvulsivo, hepatoprotetor.
Chuchu	Cardiotônico, antisséptico, diurético
Cipó-cabeludo	Diurético, antinevrálgico.
Cipó-caboclo	Estimulante, depurativo.
Cipó-chumbo	Adstringente, laxativa, cicatrizante.
Cipó-cravo	Afrodisíaco, digestivo, estimulante, fortificante, antirreumático.
Cipó-d'alho	Artrite, reumatismo, analgésico, epilepsia.
Cipó mil-homem	Problemas gastrointestinais, respiratórios, antisséptico
Cipó-prata	Problemas renais, urinários, clarear manchas da pele.
Cipó-suma	Calmante, diurético, depurativo.
Cipó-tripa-de-galinha	Diurético, bom para os rins.
Guaco	Antigripal, antiasmático, broncodilatador, expectorante, sedativo.
Imbé	Infecções e Inflamações.
Insulina	Antidiabética, hipotensora, anti-inflamatória.
Melão de São Caetano	Adstringente, afrodisíaca, antidiabética, cicatrizante, vermífugo.
Salsaparrilha	Tonificante, estimulante, depurativa, diurética.
Taiuiá	Analgésica, anti-inflamatória, cicatrizante, antioxidante.
Unha de gato	Antidiabética, antioxidante, vermífuga, hipotensora

CONCLUSÃO

Considerando os dados levantados por este estudo percebeu-se que os raizeiros de Cuiabá-MT possuem acesso ao conhecimento de uma ampla quantidade de plantas medicinais responsáveis por combater determinadas enfermidades. Verificou-se também que os raizeiros conhecem as advertências de cada planta (quanto ao poder tóxico de algumas), alertando sobre os efeitos colaterais que elas podem causar. E mesmo com os avanços tecnológicos atuais a população continua interessada em usar as plantas com finalidade medicinal, fatores como alto custo, dificuldade de encontrar determinados medicamentos, e reações alergênicas tem corroborado para tais dados. Estudos químicos e farmacológicos devem continuar sendo feitos para comprovação dos efeitos medicinais das espécies aqui citadas. O conhecimento tradicional deve ser utilizado pelos cientistas em suas pesquisas, e passado a diante, para que esse tipo de saber não se perca com o tempo, além disso, é necessário que se desenvolvam políticas de conservação das espécies utilizadas como medicinais.

Acredita-se que essa pesquisa foi essencial para o resgate etnobotânico das espécies de cipós comercializadas como medicinais na região cuiabana e permitindo verificar as plantas mais usadas e que possuem maior interesse da população local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. *Plantas medicinais: arte e ciência*. Um guia de estudo interdisciplinário. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. 230p.

CARVALHO, F.A.; Jacobson, T.K.B.; Costa, A.F.; Santos, A.A.B.; Hay, J.D.V. (2009). Estrutura e distribuição espacial do Barbatimão (*Stryphnodendron polyphyllum*) em uma área de cerrado no sudeste de Goiás. *Revista Trópica-Ciências Agrárias e Biológicas*, v3. N.1 p.14.

FEITOSA, I. S. ETNOBOTÂNICA E EXTRATIVISMO DE *Stryphnodendron coriaceum* Benth. NA FLORESTA NACIONAL DO ARARIPE, NORDESTE DO BRASIL. Dissertação de mestrado, Universidade Federal Rural de Pernambuco.

FERREIRA JUNIOR, W.S. (2011). Plantas medicinais na caatinga: extrativismo, Resiliência e Redundância utilitária. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil, 115p.

FLOVET, n. 5, dezembro 2013

HANAZAKI, N.; TAMASHIRO, J. Y.; LEITÃO FILHO, H. F. ; BEGOSSI, Alpina . Diversity of plant uses in two caçara communities (Atlantic Forest coast, Brazil). *Biodiversity and Conservation*, v. 9, p. 597-615, 2000.

MATOS, F. J. A. Plantas medicinais: Guia de seleção e emprego de plantas usadas em fitoterapia no nordeste do Brasil. 2ª Ed. Fortaleza: Imprensa Universitária – UFC, 2000.

MERZOUKI, A.; ED-DERFOUFI, F.; MESA, J.M. Contribution to the knowledge of Rifian traditional medicine. II: Folk medicine in Ksar Lakbir district (NW Marocco). *Fitoterapia*, v. 71, p. 178 – 307. 2000.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE / UNICEF. *Cuidados Primários em Saúde*. Relatório da Conferência Internacional sobre Cuidados Primários da Saúde, Alma-Ata, URSS, 6 a 12 de setembro de 1978. Brasília: Ministério da Saúde, 1979. 64 p.

PATZLAFF, R. G.; PEIXOTO, A. L. A pesquisa em etnobotânica e o retorno do conhecimento sistematizado à comunidade: um assunto complexo. *História, Ciência Saúde-Manguinhos* (Rio de Janeiro), v.16, n.1, p.237-246, mar. 2009.

POSEY, D. A. Etnobiologia e etnodesenvolvimento: importância da experiência dos povos tradicionais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE MEIO AMBIENTE, POBREZA E DESENVOLVIMENTO DA AMAZÔNIA, 1992, Belém. Anais. Belém: Governo do Estado do Pará. P. 112-117.

PUTZ, F.E. Ecologia das Trepadeiras. *ECOLOGIA.INFO*, 2011.

SIMÕES, C. M. O.; MENTZ, L. A.; SCHENKEL, E. P.; NICOLAU, M.; BETTEGA, JR. Plantas da Medicina Popular do Rio Grande do Sul. 5. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998. v.1. 150 p.

SOUZA, V.C. LORENZI, H. 2012. BOTÂNICA SISTEMÁTICA Guia ilustrado para identificação das famílias de fanerógamas nativas e exóticas no Brasil, baseado em APG III. 3ª ed. Editora Plantarum. 768 páginas.

TULLER, A. C. LEVANTAMENTO ETNOBOTÂNICO NA COMUNIDADE RURAL DE SÃO JOSÉ DA FIGUEIRA, DURANDÉ, MG, BRASIL. 57 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade do Espírito Santo, Alegre. 2011.

FLOVET, n. 5, dezembro 2013